

Nosso avião caiu

Quanto tempo

13 DIAS

POR PETER DELEO

no alto das montanhas,
e estávamos muito feridos.
a ajuda levaria para chegar?

"VAMOS BATER!"

"SEGUREM-SE, TEMOS UM PROBLEMA", digo a meus dois amigos pelos fones de ouvido que todos usamos. Na cabine do meu pequeno Maule M-5, 12 mil pés acima do nível do mar, o silêncio é absoluto.

Momentos antes, nós três havíamos ficado fascinados com a vista das montanhas escarpadas da Sierra Nevada californiana. Naquela manhã de domingo, no fim de novembro de 1994, eu seguia para leste, a uns 250 km/h, em direção às Montanhas Inyo e ao Vale da Morte, não muito longe do Rio



Peter DeLeo, à esquerda, e o amigo Wave Hatch gostavam de voar.

Kern e suas cascatas congeladas. Meus companheiros, Lloyd Matsumoto, 57 anos, e Wave Hatch, 49, contemplavam a visão majestosa e eu me sentia no paraíso. Adorava as montanhas e o barulho do motor do Maule. À minha direita, Lloyd tirava fotografias enquanto Wave filmava tudo do banco traseiro. Solteiro, aos 33 anos, eu pensava: *Não vejo a hora de dar a volta ao mundo em meu avião.* Então, de repente, atingimos um trecho de turbulência. Num átimo,

descemos cerca de 3 mil pés. O avião chacoalhava, as asas subindo e descendo. Não podíamos nos comunicar com o centro de controle aéreo mais próximo porque as montanhas bloqueavam as transmissões de rádio.

Só existem duas maneiras de sair dessa enrascada, penso. Ou sobrevôo as montanhas adiante ou tento voltar.

Decido ganhar altura e acelero o Maule ao máximo, mas ele não responde como deveria. Empurro e puxo de volta o acelerador. O avião ganha vida, no entanto o motor não tem força. "Preparem-se para uma queda!", grito ao avistar alguns trechos forrados de neve lá embaixo. Agora planamos pouco acima das copas das árvores e tudo parece uma grande seqüência de imagens borradas. Lloyd e Wave estão calados. Estamos perto de uma pequena clareira quando começamos a raspar nas árvores – posso ouvi-las arrancando partes do avião. "Segurem-se!", eu grito.

Sou sacudido com tanta força que não consigo manter a mão firme o bastante para achar o acelerador nem alcançar a chave para desligar o motor.

De repente, ouço uma voz atrás de mim perguntar:

- Eu vou morrer?

Há uma pausa e, à minha direita, escuto responderem:


- Não.

Mais silêncio, seguido da sensação de ser lançado para fora da cabine. O avião vence as sequóias de 30 metros e dá uma guinada, atirando-me para o lado, apesar do cinto de segurança. Cerrando os dentes, torcendo a boca, penso comigo mesmo: *Vamos lá, você consegue!* Novamente tento puxar o acelerador. Há um último rugido do motor, o último arranco da hélice. E grito: "Vamos bater!"

UMA LONGA VIAGEM À FRENTE

ESTOU PRESO AO BANCO, sentindo uma dor lancinante. O sangue escorre no meu rosto e nos olhos, de cortes profundos na cabeça. Tento enxergar com o olho direito, pois sinto como se um pedaço de aço tivesse varado o olho esquerdo, até o crânio. Tenho dificuldade de respirar.

Caímos numa clareira, a cerca de 2.500 metros de altitude, perto de imensas sequóias, rochedos e penhascos. Um tapete de neve espesso cobre o chão. Quando tusso, sinto gosto de sangue quente. Nesse estado vago de consciência, uma voz em minha cabeça diz: *Não entre em pânico. Mantenha*



A visão que a
equipe de resgate
teve quando
encontrou o avião.

a calma e pense. Estou preso pelo painel de controle e pelo manche, que se soltou depois de quebrar minhas costelas no lado direito: ao todo, sete costelas quebradas, fico sabendo mais tarde, além de quatro ossos fraturados no ombro direito e um grupo de músculos rompido. O tornozelo esquerdo foi esmagado. A única parte do corpo que consigo mexer é a cabeça.

O avião se encontra caído sobre o nariz e a asa esquerda, a asa do meu lado, portanto estou sustentando o peso de Lloyd, que me prende pela direita. E, como a cauda do avião está suspensa e a gravidade impele nós três para a frente, também sustento o peso de Wave, que está atrás.

- Wave, você está bem? - pergunto.

Alguns segundos se passam e ele responde:

- Acho que sim.

Inspiro o ar e pergunto:

- Lloyd, você está bem?

Outra pausa e, ofegante, Lloyd responde:

- Vou ficar.

- Wave - peço -, tire-nos daqui. Não consigo me mexer. Lloyd também está preso.

- Tudo bem, espere um pouco.

Ninguém se mexe. O tempo passa.

- Wave, saia do avião! - grito. - Ele vai explodir!

- Não consigo soltar o cinto - ele diz. - Estou tentando, mas emperrou.

- Tentem não se apoiar em mim - consigo murmurar. - Vou nos tirar daqui.

No entanto, minha porta está tão avariada que não consigo abri-la. Sinto o cheiro da mata e o ar frio no rosto. Vejo que estamos numa área sombreada, num grande desfiladeiro. Wave começa a gemer de dor e, quando consigo virar a cabeça para a direita, vejo Lloyd tossindo e se engasgando com o próprio sangue. Estou desesperado para ajudá-los.

Seria mais fácil continuar ali e esperar o avião explodir. Começo a pensar: *Por que resistir? É difícil demais.* No instante seguinte, porém, outra voz intervém: *Se tiver de morrer, vou morrer tentando.*

A JANELA NO TETO do avião está quase diretamente acima de mim. Gemen-do como um animal capturado numa armadilha, jogo a cabeça para cima, na esperança de abri-la. Apesar da dor, repito o movimento diversas ve-

zes. Começo a dar impulso com as pernas, mas sinto tamanha dor no tornozelo esquerdo que sou obrigado a parar. Uma vantagem obtida com o movimento: meus braços agora estão livres. “Esperem”, digo a meus amigos. “Vou sair.”

Preparo-me e bato de novo na janela com a cabeça e o ombro esquerdo, e ela se abre. Gemendo, xingando, tentando me esquivar das pontas de metal expostas, passo pela abertura e escorrego pela asa até a neve gelada e profunda.

PASSADOS ALGUNS MINUTOS, consigo libertar Wave, desafivelando seu cinto e conduzindo-o para fora do avião com meu braço intacto. Sua testa está ferida. Ele murmura: “Não acredito que sobrevivemos a um desastre na montanha.” Tentamos a todo custo libertar Lloyd, mas, mesmo após 45 minutos, não conseguimos abrir só com as mãos o metal amassado. Quando chamo Lloyd, não há resposta.

“Ele está realmente preso”, diz Wave. É evidente que temos de nos separar para aumentar nossas chances de sobrevivência. Um de nós precisa sair em busca de ajuda, enquanto o outro tenta levar o transmissor localizador de emergência, o TLE, guardado sob o assento do piloto, a um ponto mais elevado. Assim, qualquer aeronave que esteja sobrevoando a área e monitorizando a frequência do TLE vai localizar nosso avião. Sei que Wave pode fazer isso: ele é um experiente mecânico de aviões. Quem ficar também poderá fazer uma fogueira com o resto de combustível dos tanques e continuar tentando libertar Lloyd.

Olho meu amigo nos olhos e digo:

– Sinto muito...

Ele me interrompe:

– Não foi culpa sua. Você não podia fazer nada.

Faz um ano e meio que conheço Wave, e ele nunca me interrompeu nem falou com tanta firmeza. Ele me pergunta:

– Se você for, acha que consegue?

Com fraturas, um olho completamente fechado, cortes e arranhões por todo o corpo, sei que estou mal. Digo a Wave:

– A neve está muito funda. Se não houver nenhuma tempestade, posso levar de cinco dias a uma semana.

Faço um balanço rápido: tenho meias, botas, casaco, luvas e suéter, do-

cumento de identidade e cerca de 300 dólares em dinheiro. Consigo, sim. Preciso conseguir. Ao abraçar Wave, sinto um aperto no coração. Ele sempre foi alegre, divertido e generoso, e sua filha é tudo para ele: divorciado, ele fala sempre dela. Lloyd também tem dois filhos.

Quando me despeço, temo o que está por vir. Mesmo antes de partir, respiro com dificuldade por causa da dor. Minha advertência de despedida para Wave é: “Se cometer um erro, você morre.” Ele assente, e parto.

“MÃE, É VOCÊ?”

SEMPRE FUI AUDACIOSO, alguém que procura aventura. Quando menino, adorava *bicicross*, caratê e alpinismo. Em março de 1993, comecei a aprender a pilotar aviões e, em agosto do mesmo ano, tirei meu brevê de piloto civil. Wave e eu passamos a voar com o Maule todos os fins de semana. Íamos para os desertos da Califórnia e do Arizona, e pousávamos em leitos secos de rio, tirando muitas fotografias. Eu estava sempre tentando aprimorar minhas técnicas de aterrissagem em meio aos arbustos.

Agora estou tremendo, com o estômago revirado, enquanto avanço por meio metro de neve apoiando-me nas árvores. É difícil respirar. Tento não pensar na dor no tornozelo. Estou cuspidando sangue e logo me sinto gelado no ar de -10° C. Preciso encontrar ajuda.

Sei que a Rodovia 395 fica a leste daqui, ligando Los Angeles a Reno e a Lake Tahoe: são 65 quilômetros do local do acidente à estrada. Decido ficar nos picos do sul, onde estará mais quente. De vez em quando, paro e mastigo pedaços de neve, tentando absorver água. Sei que beber líquidos gelados quando estamos expostos ao frio severo pode baixar a temperatura do corpo e provocar hipotermia, mas preciso me manter hidratado. Não tenho comida. Deixei pão, maçãs, suco e água no avião.

No fim da tarde, encontro uma caverna seca e vazia. Embora o frio e a dor continuem, ao menos posso me proteger do vento. Quando estou deitado ali, penso em meu pai, Rocco. Ele está sozinho em minha casa, em Long Beach, sul de Los Angeles, onde vai ficar até o fim do inverno. Com o lado esquerdo do corpo paralisado por uma série de acidentes vasculares cerebrais, ele só consegue se locomover com a ajuda de um andador. Quando viajo, sempre providencio para que alguém fique com ele ou passe em minha casa a fim de ver se ele está bem. Agora penso: *Será que meu sócio, Kevin Doyle, vai até lá conversar com ele?* Kevin e eu temos uma loja

de cabos de arame. Não seria estranho eu só ligar para Kevin na noite de segunda-feira ou na manhã de terça.

Como ainda é domingo, será que alguém vai notar que há algo errado? Minha amiga Susan, que sabia que eu ia decolar do Aeroporto de Long Beach? Minha irmã, Denise, que mora em Woodland Park, perto de Colorado Springs? Ou meu irmão, Rocco, que é seis anos mais velho do que eu e mora em Connecticut?

Já não consigo pensar com clareza. Com a queda da temperatura, estou exausto de lutar contra o frio, tremendo. Mexo os dedos dos pés, flexiono os músculos abdominais. Inspiro pelo nariz e expiro pela boca, dentro do casaco, tentando aquecer o peito. Meu corpo começa a se acalmar.

Tudo bem, encontrei uma solução para não virar picolé humano. Penso: *Peter, você pode sobreviver a esta caverna gelada se não dormir.* Grito: “Se você dormir, morre! Um, dois, três...”

Só paro quando chego a mil. Então recomeço. É uma noite infernal.

Na manhã seguinte, segunda-feira, 28 de novembro, saio da minha cama gelada e parto imediatamente. Encontro uma vara que me serve de bengala para aliviar a pressão sobre o tornozelo e, depois de subir um rochedo, olho o céu azul. São cerca de 10h30. Vejo o que parece ser uma estrela. Que loucura!

O corpo celeste brilha. Será Vênus? Tem forma amendoada, com um raio fino que aponta para baixo. Uma luz branca extremamente forte irradia dela. Apavorado, desvio o olhar, na esperança de que ela desapareça. Instantes mais tarde ainda a vejo. Sei que estou no meu limite, mas o que está acontecendo?

Não consigo mais me segurar. Lágrimas começam a escorrer pelo meu rosto. Penso: *É isso. Meu tempo acabou. Vieram me buscar.* Em seguida, te-



No pai, Rocco, Peter DeLeo buscava inspiração e apoio.

Luta pela vida

Com 16 ossos quebrados e em temperaturas baixíssimas, Peter DeLeo percorreu 65 km na Sierra Nevada.



nho outro pensamento. Olho para cima e pergunto: “Mãe, é você?” Minha mãe morreu em 1981, após uma longa doença, e sinto muita saudade dela. Será que ela está aqui comigo agora, para me guiar?

Depois que meu choro amaina, experimento uma espécie de paz interior. Sinto que não estou sozinho. De algum modo, vou conseguir.

Em minha casa, o telefone começa a tocar. Uma das chamadas é de minha irmã, Denise, pedindo que eu ou meu pai retornemos a ligação. Na terça-feira, 29 de novembro, o amigo com quem Wave divide o apartamento registra queixa de seu desaparecimento no Departamento de Polícia de Long Beach, que notifica a Patrulha Aérea Civil. E, na quarta-feira, meu sócio, Kevin, entra em contato com Denise para dizer que não tem notícias minhas. Ela segue imediatamente para Long Beach, a fim de ficar com papai.

LUTA CONTRA A NEVASCA

PARA MIM, OS dias transcorrem numa agonia enregelante enquanto sigo em frente. Estou exausto e faminto: as mariposas viscosas que apanhei na casca das árvores não aplacam minha fome. Na quarta noite, enterro-me sob uma cama improvisada de folhas e ramos para me aquecer. Quando noto sinais de ulcerações provocadas pelo frio, fico apavorado: os dedos



das mãos e dos pés estão descorados e sinto formigamentos dolorosos. Uma melhora: consigo abrir o olho esquerdo e enxergo com ele.

Na quinta-feira, 1º de dezembro, cinco dias após o desastre, fico surpreso por me achar num grande campo sem neve. Por que não há neve? Caminho para o sul, onde o solo passa de congelado a semiviscoso. Ao avistar uma pequena poça d'água, com cerca de sete centímetros de profundidade, pergunto a mim mesmo: *Por que não está congelada?*

Quando vejo uma bolha subir à superfície, tiro a luva da mão esquerda e me ajoelho devagar. Estendendo a mão em direção à poça, fecho o punho e mergulho o nó dos dedos. Sentindo a água quente em minha pele, grito: "Obrigado, Senhor, por estas fontes termais!"

Com dificuldade, tiro a roupa. Em cinco dias, perdi muito peso: posso tirar a calça sem desabotoá-la. Solto um suspiro ao afundar na água quente. "Ah, obrigado, Senhor! Obrigado." Em menos de 30 minutos, a magia da banheira natural de água quente eleva minha temperatura corporal o bastante para deter parcialmente os arrepios da hipotermia.

É tortura sair da água, mas não tenho escolha. Preciso seguir adiante. "Disciplina, disciplina", digo a mim mesmo, enquanto me seco e procuro abrigo. No dia seguinte, a difícil subida de um pico nevado é recompensada por uma bela vista do lado oeste. Olhando na direção do acidente, pen-

so: *O que Wave estará fazendo? E Lloyd, ainda estará vivo? É possível que eles tenham sido salvos, que eu não tenha visto nem ouvido a equipe de resgate? Será que me julgam morto?*

Respiro ofegante ao continuar a subida. As roupas de dentro estão agora molhadas de suor. Minha boca está seca. Tenho sede e quase vomito de cansaço. A combinação fatal de terreno escarpado e neve à altura dos joelhos me obrigou a limitar meus objetivos de escalada a trechos de apenas dois e três metros.

Nessa noite, coberto por galhos e cascas de árvore, escuto os uivos crescentes do vento gelado. Uma tempestade está se formando, eu sei. Quando os arrepios noturnos começam, penso: *Se for preciso, voltarei às fontes termais.* Com o céu límpido e estrelado, faço vários pedidos para minha mãe, meu pai, Lloyd e Wave. No dia seguinte, quando parto, caem cristais de neve. O vento e a neve molhada são diferentes de tudo que já vi. Faço algum progresso, até que a falta de visibilidade me detém por completo.

A Patrulha Aérea Civil, que a essa altura havia usado 26 aviões para 54 missões na Sierra Nevada, é obrigada a interromper as buscas por causa da tempestade. Denise inicia uma corrente de orações por mim. Com a mídia televisiva anunciando a tempestade, algumas pessoas começam a perder a esperança. “Ninguém sobrevive a um acidente aéreo nas montanhas e ainda escapa de uma nevasca na Sierra Nevada”, dizem. Meu irmão, Rocco, vai para a Califórnia ficar com meu pai e Denise.

"TUDO ESTÁ POR PERTO"

NA MANHÃ DE SÁBADO, 3 de dezembro – seis dias após o acidente –, invade-me uma lembrança antiga. É verão e estou na 4ª série, passando uma semana com meus avós no interior de Connecticut. Uma noite, digo a meu avô que quero ir sozinho à floresta, para procurar animais selvagens. Meu avô concorda, recomendando: “Lembre-se, ande devagar e com cuidado, ou o que você procura passará despercebido. Tudo aquilo de que você precisa está por perto. Tenha paciência.”

Lembrando suas advertências, olho a tempestade com atenção. “Fique calmo”, digo a mim mesmo. “Tudo aquilo de que você precisa está por perto.” Olho cada árvore, cada arbusto e cada rocha quando, de repente, através da neve que se agita, avisto um tronco de árvore da largura de um

so: *O que Wave estará fazendo? E Lloyd, ainda estará vivo? É possível que eles tenham sido salvos, que eu não tenha visto nem ouvido a equipe de resgate? Será que me julgam morto?*

Respiro ofegante ao continuar a subida. As roupas de dentro estão agora molhadas de suor. Minha boca está seca. Tenho sede e quase vomito de cansaço. A combinação fatal de terreno escarpado e neve à altura dos joelhos me obrigou a limitar meus objetivos de escalada a trechos de apenas dois e três metros.

Nessa noite, coberto por galhos e cascas de árvore, escuto os uivos crescentes do vento gelado. Uma tempestade está se formando, eu sei. Quando os arrepios noturnos começam, penso: *Se for preciso, voltarei às fontes termais.* Com o céu límpido e estrelado, faço vários pedidos para minha mãe, meu pai, Lloyd e Wave. No dia seguinte, quando parto, caem cristais de neve. O vento e a neve molhada são diferentes de tudo que já vi. Faço algum progresso, até que a falta de visibilidade me detém por completo.

A Patrulha Aérea Civil, que a essa altura havia usado 26 aviões para 54 missões na Sierra Nevada, é obrigada a interromper as buscas por causa da tempestade. Denise inicia uma corrente de orações por mim. Com a mídia televisiva anunciando a tempestade, algumas pessoas começam a perder a esperança. “Ninguém sobrevive a um acidente aéreo nas montanhas e ainda escapa de uma nevasca na Sierra Nevada”, dizem. Meu irmão, Rocco, vai para a Califórnia ficar com meu pai e Denise.

“TUDO ESTÁ POR PERTO”

NA MANHÃ DE SÁBADO, 3 de dezembro – seis dias após o acidente –, invade-me uma lembrança antiga. É verão e estou na 4ª série, passando uma semana com meus avós no interior de Connecticut. Uma noite, digo a meu avô que quero ir sozinho à floresta, para procurar animais selvagens. Meu avô concorda, recomendando: “Lembre-se, ande devagar e com cuidado, ou o que você procura passará despercebido. Tudo aquilo de que você precisa está por perto. Tenha paciência.”

Lembrando suas advertências, olho a tempestade com atenção. “Fique calmo”, digo a mim mesmo. “Tudo aquilo de que você precisa está por perto.” Olho cada árvore, cada arbusto e cada rocha quando, de repente, através da neve que se agita, avisto um tronco de árvore da largura de um

Devem achar que sou um maluco andando a esmo. A essa altura pareço mesmo um vagabundo. Meu olho esquerdo está inchado, estou sujo e mancando. Minhas roupas se rasgaram. Mas, tendo chegado até aqui, vou parar alguém de qualquer maneira. Coloco-me no meio da estrada e aceno.

Um caminhão pára. Quando o motorista desce, grito “Socorro, socorro!” e cambaleio em sua direção. Um ser humano, afinal! Conto a minha história, terminando com um “Por favor, ajude-me”.

A TEMÍVEL BUSCA FINAL

O CAMINHONEIRO ME LEVA a uma lanchonete, a cerca de três quilômetros dali, e pede que entrem em contato com as autoridades. As garçonetes me trazem suco de maçã e sopa quente. Ao tomar o suco e a sopa, desabo chorando no balcão. Escuto uma garçonete exclamar: “O vice-xerife está aqui!”

O sargento Wayne Read olha para mim e diz:

- Preciso levá-lo ao hospital imediatamente. Diga-me onde está o avião.
- Escute, se não morri até agora, não vou mais morrer – argumento. – O avião está numa área de mata fechada. Além disso, como tem nevado muito, ele deve estar coberto. A maneira mais rápida de salvar meus amigos é levar-me com vocês. Não nos resta muita luz. Por favor, vamos.

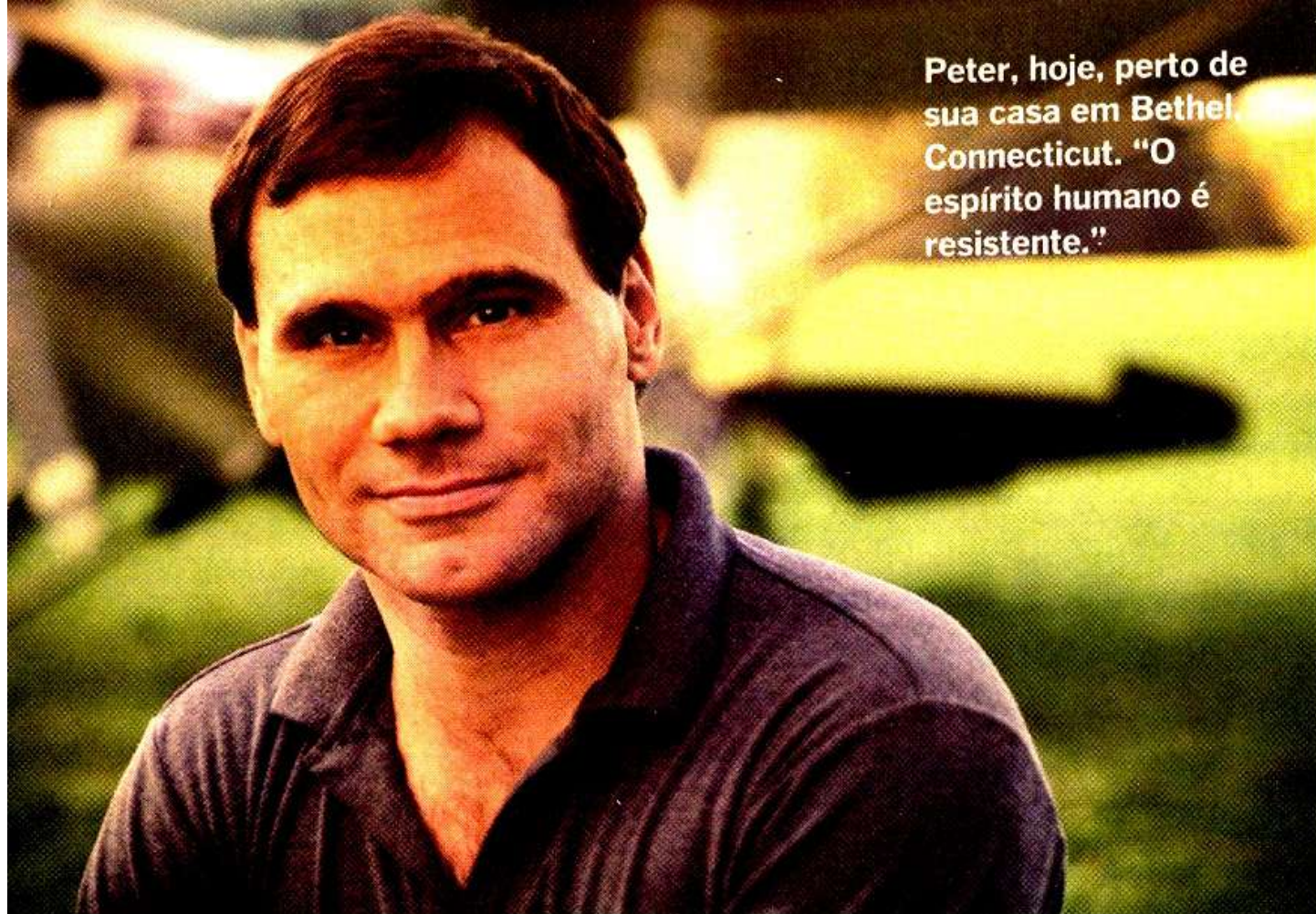
Relutante, depois de ouvir minha história e falar com Chuck Mullen, outro vice-xerife, Read concorda com meu plano. Ele me conduz ao Aeroporto de Long Pine, a 40 quilômetros de distância, onde encontramos Bill Woodward, que concorda em pilotar seu Maule M-5 até o local do acidente. Mullen, Woodward e eu estamos voando há 35 minutos quando fazemos uma curva baixa para a direita.

Ao reconhecer os picos nevados, aviso pelo sistema de intercomunicação do avião: “Estamos na área.” Minha esperança se renova. Colo o rosto à janela, procurando a fumaça da fogueira de Wave.

Damos outra volta e Bill desce em direção ao cânion. Estou olhando pela janela traseira quando ele exclama: “Lá está ele!” Meu avião se encontra apoiado na asa esquerda e a cauda aponta para cima, exatamente como há 13 dias. Bill pergunta:

- É o seu avião?
- É! – grito. E penso: *Wave! Onde está você?*

Com o sol agora abaixo dos picos distantes, continuamos dando voltas. Logo surge um helicóptero de resgate da base naval de China Lake, Cali-



Peter, hoje, perto de sua casa em Bethel, Connecticut. "O espírito humano é resistente."

fórnia, para juntar-se a nós. Pairando sobre o local do acidente, ele apóia um dos esquis num rochedo enquanto a equipe verifica o tempo e a possibilidade de pouso. Com pouca luz diurna pela frente, dois membros da equipe de resgate saltam na neve profunda e avançam para o local do acidente. No Maule, fazem uma descoberta terrível. O corpo congelado de Lloyd está no banco, curvado para a frente. Mais tarde, fico sabendo que ele morreu por esmagamento do tórax.

Mal consigo suportar. A equipe de resgate em terra se comunica pelo rádio com Bill:

- Estamos procurando o outro homem.

- Para onde ele iria? - o vice-xerife Mullen me pergunta.

- Ele pode ter levado o equipamento de sobrevivência para algum pico do sul, onde é mais quente - respondo. - Ou pode estar tentando encontrar um local melhor.

E é quando a equipe em terra entra novamente em contato com Bill.

- Nós o achamos.

- Ele está bem? - eu grito.

Dando um suspiro, ele se volta para mim. Fala devagar, em voz baixa:

- Acharam-no a cerca de 10 metros do avião. Ele não conseguiu.

O corpo de Wave está caído sobre a neve, prova de que sobreviveu aos dois dias de nevasca. No avião minúsculo estremeço, fechando os olhos e sacudindo a cabeça. O sofrimento de perder dois amigos a bordo do meu avião, perecendo ao relento, penetra minha alma. Não consigo entender. Lloyd não teve chance, mas Wave, sim. Penso: *Por que, Wave, você não está vivo? O que aconteceu?*

Quando Denise é informada de que fui encontrado, precisa sentar-se, pois acha que vai desmaiar. Meu pai e Susan ficam felizes, mas é uma felicidade doída, por saberem que Lloyd e Wave se foram.

Às 20h30 dessa noite, no Aeroporto de Van Nuys, de onde serei levado para o hospital, a porta se abre e meu irmão, Rocco, aparece. Ele corre em minha direção com os olhos inchados.

- Estou procurando você na Sierra desde sábado! - exclama.

Quando me levanto, meu irmão me abraça. Sussurro para ele:

- Calma, estou todo quebrado!

Ele assente, ainda em lágrimas.

Dirigimo-nos para o Cessna Skyhawk que Rocco alugou. Só consigo andar muito devagar. Meu irmão pergunta:

- Quer que eu carregue você?

Respondo à camaradagem dele com um suspiro sincero.

- Não, obrigado. Estou com muita dor para ser tocado, entende?

- Entendo. Você se saiu bem. Muito bem. Estou orgulhoso de você.

As lágrimas recomeçam, escorrendo em meu rosto.

- Você fez o melhor que pôde: sobreviveu! Conseguiu!

E Rocco fica a meu lado, abraçando-me, para não me deixar cair.

Peter DeLeo submeteu-se a quatro cirurgias e dois anos de fisioterapia. Após sua recuperação, voltou à Sierra, caminhando na vastidão nevada.

O QUE DIZ O AVISO ABAIXO?

UUUUU

TQOBDC

UUUUU

Resposta: Os pequenos têm que obedecer aos grandes.

